

MUSEU AFETIVO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: COMPREENDER PARA VALORIZAR

Nair Sutil
SEED/PR
nsutil@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa os percursos da construção do Museu Afetivo criado juntamente com os alunos de 6º e 7º anos do Colégio Estadual Prefeito Antonio Teodoro de Oliveira, localizado na cidade de Campo Mourão nos anos de 2014 e 2015. A proposta teve como objetivo mapear fontes históricas e narrativas acerca de suas histórias de vida, de seus familiares ou da sua comunidade e, para a construção de um museu escolar onde essas memórias serão preservadas e disponibilizadas para a comunidade. Reflete-se como os alunos tornaram-se protagonistas no processo de agenciamento do passado que procurou valorizar as suas experiências de vida e suas práticas sociais de referência na construção do conhecimento histórico. Assim, a educação histórica que acontece no espaço escolar pode se relacionar com outros espaços como o familiar, onde esses alunos/pesquisadores passam a investigar suas histórias e seus pertencimentos. Os objetos bem como as narrativas que os acompanham se tornaram instrumentos poderosos na medida em que conferem significado à pesquisa e à história ensinada.

Palavras-chave: Museu Afetivo. Memórias. Educação Patrimonial.

AFFECTIVE MUSEUM AND EDUCATION IN HERITAGE: UNDERSTAND TO VALUE

Abstract: This paper analyzes the pathways in the construction of the Affective Museum created along students from 6th and 7th grades in the State School Mayor Antonio Teodoro de Oliveira, located in Campo Mourão. The proposal aims to map historical sources and narratives about their lives, their families, or their community and, to build a school museum where these memories will be preserved and available to the community. There is a reflection on how students became protagonists in the recovery process of the past, which sought to value their life experiences and their social practices of reference in the construction of historical knowledge. Therefore, the historical education that happens at school can relate to other areas such as family, where these students/researchers now investigate their stories and their belongings. The objects and the stories that follow them became powerful instruments to the extent that is meaningful to the research and to the history taught.

Keywords: Affective Museum. Memories. Education in Heritage.

Como espaço concebido de educação formal a escola desempenha função primordial na sociedade e na vida dos estudantes. Dificilmente outro espaço de sociabilidade ocupa lugar tão privilegiado quanto a escola na vida da criança, do adolescente ou do jovem. Como espaço de formação do cidadão ela não deve apenas transmitir informações e teorias, mas, deve proporcionar uma base cultural sólida para todos os alunos. É nesse espaço privilegiado da escola, com diversos grupos sociais, que os alunos formam suas identidades individual e coletivamente. Incluir possibilidades pedagógicas, que estimulem a compreensão da diversidade e complexidade humana, no processo de ensino e aprendizagem pode fazer da escola um espaço ainda mais significativo na vida do aluno.

Nessa perspectiva pontuamos a questão do Ensino de História e sua interface com a Educação Patrimonial como prática que pode contribuir sobremaneira para a formação de cidadãos sensíveis e comprometidos com o cuidado e preservação dos bens patrimoniais e culturais de sua comunidade e em outros espaços. Ver apenas alguma coisa não implica imediatamente em cuidado e pertencimento. Precisamos conhecer mais profundamente algo e nos convencer de que aquilo é importante para nós e para outros. Esse conhecimento sim pode implicar em cuidado e pertencimento.

O trabalho com objetos encontrados no universo pessoal e familiar dos alunos surgiu da necessidade de ampliar a compreensão da noção de fontes históricas com alunos das séries finais do Ensino fundamental. Os conteúdos relativos ao estudo e uso das fontes para a produção do conhecimento histórico, dentre outros conceitos centrais da história escolar, são indicados nos livros didáticos do 6º ano do Ensino Fundamental e posteriormente no 1º ano do Ensino Médio. Porém, para o 6º ano, nem sempre os exemplos oferecidos pelos autores são pertinentes à realidade dos alunos dessa faixa etária, visto que pouco dialogam com as suas experiências pessoais, dificultando a relação temática com o universo estudantil.

A primeira experiência a qual chamei de Museu Afetivo e que posteriormente relacionei com uma possível prática de Educação Patrimonial, foi desenvolvida com os alunos dos 6º anos durante o primeiro bimestre de

2014, no Colégio Estadual Prefeito Antonio Teodoro de Oliveira em Campo Mourão no estado do Paraná.

Quando assumi as turmas o desafio foi enorme, mas o encantamento foi na mesma proporção. O desafio de familiarizá-los com os conceitos da disciplina, de despertá-los para o conhecimento de histórias de pessoas, sociedades e lugares tão diversos e tão distantes temporalmente, era cotidiano e por vezes extenuante. Mas o encantamento a que me referi foi de encontrar curiosidades refinadas expressas em perguntas como: “professora, só existiam essas pessoas que o livro mostra?”; “Tinha criança nessa época e elas também iam pra escola?”. Questões cotidianas que muitas vezes mudaram completamente o rumo das aulas e se tornaram experiências inéditas na minha trajetória profissional. Reflexões cotidianas sobre meus modos e métodos de ensino se fizeram necessárias.

A adequação e pertinência dos conteúdos para alunos daquele ano e em idades tão tenras (10 e 11 anos) foram preocupações permanentes. A curiosidade barulhenta de quem não cabe uma tarde inteira numa sala no modo passivo desafiou-me a reinventar minhas práticas de ensino, e, é nesse contexto laborioso de ensinar e aprender que surgiu a primeira experiência a qual denominei de forma simples Museu Afetivo, e agora intitulo aqui para esta reflexão Museu Afetivo e Educação Patrimonial: compreender para valorizar.

A primeira experiência com as fontes do universo familiar dos alunos foi estruturada em três etapas: a primeira foi discutir com os alunos as definições de fontes históricas apresentadas pelo livro didático, bem como a apresentação de diversos objetos do meu acervo e de outros funcionários da escola que gentilmente cederam seus objetos afetivos como forma de ampliar e problematizar a noção de fontes históricas. A segunda foi uma pesquisa realizada pelos alunos, buscando junto de seus familiares outras fontes e os objetos que contavam suas histórias, de parentes ou vizinhos. A terceira etapa do trabalho consistiu em expor esses objetos e documentos para a comunidade escolar, durante a Festa do Sorvete realizada pela escola e da qual participa familiares e comunidade em geral. Essa etapa foi muito importante, visto que os alunos apresentaram para seus familiares e demais visitantes a história de cada objeto e das pessoas às quais o mesmo pertencia ou pertenceu. As famílias prestigiaram a exposição e sentiram-se parte dela.

Os objetos que fizeram parte da exposição foram os mais diversos como: câmeras fotográficas antigas, fotografias de familiares, ferros de passar roupas a brasa, moedas antigas, máquinas de costura manual, bússolas, correspondências, cadernos de alfabetização, roupas de batizado, desenhos, louças, e diversos outros objetos que foram arrolados como parte do cotidiano de moradores da cidade de Campo Mourão e que serviram como dispositivos de memória para o trabalho com as fontes nas aulas de História.

A importância do trabalho com diferentes fontes materiais como estratégia para a produção de saberes na escola rompe com o ensino da disciplina muitas vezes pautada apenas no livro didático e nos exemplos e exercícios oferecidos por ele. O trato dos alunos com as fontes, com a memória familiar, pode favorecer uma conexão mais significativa entre os conteúdos da disciplina e seu cotidiano, transformando informações ou curiosidades em conhecimento objetivo e transformador, conforme discussões de diversos autores da área do Ensino de História e da Educação Patrimonial, dentre outros.

Como os objetos afetivos se relacionam às histórias pessoais dos alunos e seus familiares, se torna mais fácil compreender que a produção do conhecimento histórico está sempre articulado ao tempo e que este está sempre em movimento e que não existe um passado acabado e linear. Ainda, esses objetos do universo particular e familiar guardados com tanto cuidado pode ser dispositivo para articular a Educação Patrimonial e conscientizar para a responsabilidade de cada um para o cuidado com o bem geral quer no lugar onde vivem quer na sociedade como um todo.

Ao identificar os objetos de memória e construir o seu museu, o seu espaço de memória o aluno estabelece relações com parte daquilo que pertence à sua trajetória como sujeito histórico. A proposta auxilia no despertar da uma consciência crítica do aluno uma vez que passa a interrogar tudo o que o cerca, além de ampliar sua noção sobre fontes e patrimônio.

“[...] do mais modesto ao mais notável, tudo o que tem um sentido para nós, o que herdamos, criamos, transformamos e transmitimos é o patrimônio tecido de nossa vida, um componente de nossa personalidade. [...] na maior parte das vezes não estávamos dele conscientes, porque a educação que

recebemos elimina a sua maior parte em nome de critérios acadêmicos e estéticos” (VARINE, 2012, p. 43).

No que tange a Educação Patrimonial esta reflexão se insere como suporte à experiência da sensibilidade para a preservação da memória e para isso contribuem diversos autores como Maria Carolina Bovério Galzerani, Elison Antonio Paim, Maria de Fátima Guimarães, Júnia Sales Pereira e Ricardo Oriá, além de diversos outros. Além dos autores mencionados, nos últimos anos o Ensino de História incorporou as discussões sobre memória e uma profusão de outros autores tem se dedicado a esta questão conforme podemos observar em volumosas publicações em anais de importantes eventos da área do Ensino de História como Perspectivas do Ensino de História e Pesquisadores do Ensino de História, além dos encontros bienais promovidos pela ANPUH.

“Hoje, pluralizam-se as denominações: Educação com o patrimônio, Educação para o patrimônio, Educação e Patrimônio. Pluralizam-se também os lugares e suportes da memória (museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas, sítios históricos, vestígios arqueológicos, festas, ofícios, saberes e fazeres etc.) no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e dos cidadãos para a importância da preservação desses bens culturais. Professores e alunos abordam o Patrimônio Cultural como construção histórica e seletiva da memória de uma dada comunidade, em suas dimensões sensíveis, éticas e políticas” (PEREIRA e ORIÁ, 2012, p.164)

Educar para as sensibilidades, incluindo a sensibilidade para com o semelhante como ponto de partida, a sensibilidade para a preservação da natureza e por fim para com os objetos. Nesse sentido, o cuidado com os objetos de memória desses sujeitos em formação pode ser um dispositivo, conforme já mencionado, para a educação e preservação do patrimônio em sentido mais amplo, entendendo que todo patrimônio, material ou imaterial é objeto de memória. A educação patrimonial referida nesta reflexão tem sua interlocução com o Patrimônio Cultural uma vez que,

“Preservar o patrimônio histórico da nação constitui, antes de tudo, uma missão educativa, pois o que se pretende com essa ação é levar ao conhecimento das gerações futuras o passado

nacional com o objetivo de fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos cidadãos. Em última instância é a herança cultural das gerações passadas que se lega à posteridade e isso nada mais é do que, no sentido mais amplo, promover a educação” (PEREIRA; ORIÁ, 2012, p.163).

Compreender o espaço escolar como lugar de encontros de diversas formas culturais, de conflitos e de resistências é fundamental para a construção da cidadania. É na sala de aula e na disciplina história que diversos debates podem ser potencializados a partir do uso de fontes e linguagens diversas.

A intenção não é transformar os alunos em historiadores, mas, possibilitar a construção do pensar e refletir historicamente. Nesse sentido o exercício da construção do Museu Afetivo colocou, na primeira experiência, os alunos em contato com sua história pessoal e do seu coletivo familiar, bem como as memórias que estes objetos despertam.

Sobre memória como constituinte da identidade, encontramos aporte em Michael Pollak, quando este afirma:

“Se podemos dizer que, em todos os níveis a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita ente a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p.5).

O exercício de pesquisa junto aos familiares em busca de objetos afetivos, ou mesmo no próprio acervo particular do aluno, é um exercício de memória, de lembranças, de contato com sua história pessoal e da sua família. Nesse sentido a reflexão Museu Afetivo e Ensino de História: compreender para valorizar tem sua importância ao contribuir para novas práticas de ensino no ambiente escolar, proporcionando uma dinâmica diferente às aulas de história e uma possível melhor compreensão, por parte dos alunos, dos conceitos da disciplina de História, conforme já mencionado. Por meio das diferentes interações sociais provocadas pela experiência escolar, novas relações são estabelecidas e o aluno passa a construir sentidos e significados à sua existência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.) **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.34-58.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

DELGADO, Andréa Ferreira. Configurações do campo do patrimônio no Brasil. In: BARRETO, Eudes Arrais et.al. **Patrimônio Cultural e Educação**: artigos e resultados. Goiânia, 2008, p. 97-115.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a História Local. In: **Ensino em Re-vista**, v. 4, n. 1, 43-51, jan./dez.1995.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Práticas de ensino em projeto de educação patrimonial: a produção de saberes educacionais. In: **Pro-Posições**, v. 24, n.1, p. 03-107, jan./abr. 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Bethania Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p.15-84.

PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima (Orgs.). **História, memória e patrimônio**: possibilidades educativas. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

PEREIRA, Júnia Sales; ORIÁ, Ricardo. Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio. In: **Resgate**, vol. XX, n. 23, p.161-171. jan./jun. 2012.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Editora , FGV, v. 5, n. 10, 1992.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**. O museu no ensino de história. Chapecó – SC: 2004.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Museu, escola e comunidade**: uma integração necessária. Salvador: Bureal, 1987.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**, Londrina, v.9. out. 2003, p.223-241.

VARINE, Hugues de. **As raízes do Futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.